

Prazo indeterminado assusta os banqueiros

Roberto Garcia

Correspondente

Washington — Altos funcionários dos grandes bancos privados americanos, que têm 25% da dívida externa brasileira, reagiram com extremo cuidado à suspensão unilateral e por tempo indefinido do pagamento de juros anunciada pelo presidente José Sarney. "Já esperávamos, Sarney não tinha outra saída", disse o vice-presidente de um dos maiores credores estrangeiros do Brasil, tentando mostrar compreensão diante de uma medida que ele próprio admitiu ser "devastadora para nós".

O anúncio do presidente brasileiro causou um choque maior que o esperado entre os credores privados no exterior porque não especificou por quanto tempo os pagamentos seriam suspensos. Os 614 bancos afetados deixarão de receber cerca de 600 milhões de dólares mensais pelo período que durar essa suspensão. Se esse período ultrapassar 90 dias, os bancos americanos serão obrigados a colocar parte ou toda a dívida brasileira na lista de seus empréstimos problemáticos, o que inevitavelmente prejudicará seus lucros e provocará dúvidas a respeito de sua solidez. No caso dos principais bancos americanos, o montante que emprestaram para o Brasil é equivalente a uma percentagem substancial de seu capital. Na sexta-feira, por exemplo, as ações dos grandes bancos americanos caíram de 75 centavos a dois dólares e meio na Bolsa de Nova Iorque, em virtude das notícias vindas do Brasil.

Os diretores de alguns bancos ressaltaram o esforço do presidente Sarney para justificar que a sua não era uma atitude de confrontação. Eles também lembraram que a colaboração que tem caracterizado a atitude dos bancos estrangeiros facilitou o rápido crescimento brasileiro nas últimas décadas. "Acha-mos que os bilhões de dólares que estendemos em empréstimos promoveu o crescimento em vez de impedi-lo. Queremos que esse relacionamento continue no futuro. Os dois lados beneficiam-se dele", disse um membro importante do comitê de 14 bancos que representa todos os credores privados do Brasil.

Alguns banqueiros não deixaram, contudo, de apontar para alguns aspectos que consideraram "claramente demagógicos" do discurso do presidente brasileiro. Sarney não assumiu qualquer responsabilidade pela administração desastrosa da economia nos últimos meses, que levou o país à situação de extrema vulnerabilidade em que se encontra agora, por exemplo. Ele também teria "procurado transferir a culpa para todos, exceto para ele que é, afinal, o Presidente", lembrou o diretor de uma instituição credora. Outro banqueiro considerou irônico que Sarney tivesse culpado também a queda dos preços internacionais de alguns produtos primários de exportação "quando todo mundo sabe que o Brasil foi à forra no ano passado graças ao aumento dos preços de vários desses produtos". Sarney teria se esquecido de dizer também que as taxas de juros que incidem sobre a dívida caíram substancialmente nos últimos anos e que o Brasil beneficiou-se de uma grande queda nos preços internacionais do petróleo.

Apesar desses sinais negativos, alguns analistas lembraram outros aspectos que parecem demonstrar moderação na atitude do governo brasileiro. Assim, teriam sido suspensos apenas os pagamentos dos juros que incidem sobre a dívida a longo prazo. Os juros dos financiamentos de exportações e das linhas de crédito para agências de bancos brasileiros no exterior continuariam a ser pagos, aparentemente. O mesmo se aplicaria aos juros que incidem sobre a dívida a organismos governamentais de financiamento (Clube de Paris) e das instituições multilaterais de crédito como o Banco Mundial, BID e FMI.

Para evitar que a suspensão dos pagamentos dure muito, grande parte dos banqueiros consultados pelo JORNAL DO BRASIL no sábado manifestaram o desejo de pronta abertura das negociações. Até a manhã de sábado não tinham recebido sinais claros do governo Sarney a respeito da data em que a equipe de negociadores brasileiros chegará a Nova Iorque.

Os grandes jornais americanos noticiaram em suas primeiras páginas de sábado o discurso de Sarney.